

ILHA DO COMBU: entre o rio e a cidade a arte acontece

Vânia Leal Machado

O ambiente de contradições cotidianas na Amazônia forma uma rede de pesquisa para os artistas locais, que atravessam no olhar a superação das fronteiras legais. Na urbana Belém amazônica, convivem sedimentações identitárias como índios, ribeirinhos, quilombolas, caboclos e outros grupos sociais. Essas diferenças formam, na dinâmica cotidiana, a convivência com o rio e, ao mesmo tempo, convergem, contraditoriamente, para um ambiente complexo, em que o cotidiano simples se contrapõe, drasticamente, ao cotidiano acelerado construído no Centro da cidade.

Esses ambientes demandam relação com desenvolvimento, sustentabilidade, ciclo da madeira, fatores geopolíticos e outras bases de conflito que inscrevem a produção na Amazônia aliada ao valor simbólico do povo florestânico.

Nessa confluência está a ilha do Combu, conformada entre os inúmeros espaços insulares do município de Belém, e, conforme o barco vai navegando, o silêncio nas águas do rio anuncia essa distância e uma nova dimensão se apresenta: o barulho da cidade vai ficando para trás.

O caboclo ribeirinho da ilha do Combu, de lá, observa a “cidade grande” e nos convoca nas teias das relações da modernidade com os recursos naturais, com o rio, restaurantes, energia elétrica, turistas e um fluxo dinâmico de barcos que circulam pelas águas a forjar novas relações com a natureza.

O entorno aparente da ilha, a mata e o rio à frente, com os trapiches de madeira em que aportam os barcos que chegam, configuram relações que se estabelecem com e nas comunidades do Combu.

É nesse contexto que o Arte Pará,¹ por meio da proposta do curador Paulo Herkenhoff,² reuniu quatro artistas que se deslocam em fluxo que permite a expansão das relações estabelecidas em uma dinâmica cultural formada por vários pontos de contato no mundo.

Assim, Paula Sampaio, Alexandre Sequeira, Jorane Castro e Thiago Castanho reuniram na quadra do Adrisom a comunidade da ilha do Combu e do entorno, mais os convidados de Belém, para a exposição Tem Arte Pará no Combu. O objetivo foi celebrar a arte no outro lado do rio.

Ao entrarmos na embarcação, a fotógrafa Paula Sampaio nos convidou ao “Embarque”, projeto criado pelo pensamento de seguir variados percursos, pelos quais acompanhamos a artista nos espaços expositivos do Arte Pará e nas muitas rotas de sua criação.

Agora, seria segui-la num pôpôpô, que é o nome dado aos pequenos barcos que, por aqui, navegam em alusão onomatopáica ao ruído que fazem seus motores.



Paula Sampaio, *Fotoinstalação-árvore*, 2012, Baía de Guajará

A artista seguia hasteando ao vento a *Fotoinstalação-Árvore* para ser libertada mais adiante. E, de longe, podíamos observá-la numa imersão simbiótica com o vasto rio; que trazia o barulho da embarcação, seguida de trilha sonora produzida por Paula e tocando no barco em que estávamos.

O início ocorreu com a batida de um sino, seguida pelas músicas que compassavam com o barco grande e o pô-pô-pô que seguia na nossa frente. Algumas vezes, desviava-se para os lados, mas a rota se cumpria e nos prendia num tempo que nos desnor-teava para dentro e para fora; orquestrando o grafo da artista, ali sozinha, a esmo, nas ondas da maré.

Imaginei os embarques por outras rotas da Amazônia, fosse por moto, caminhão, barcos e outros meios de transporte. Afinal, ela atravessou a rodovia Transamazônica, ao longo de 20 anos, com a câmera fotográfica.

A imagem impressa de um tronco de árvore que ela fotografou no “Lago do Esquecimento” traz a edição de um vídeo para a primeira etapa do projeto de documentação fotográfica sobre o lago de Tucuruí, no Pará, o segundo maior lago artificial do Brasil, onde a artista se deparou com um cemitério de árvores e um refúgio para as pessoas

que não foram indenizadas e moram no topo das ilhas em torno de Tucuruí. Essas questões colocam-nos diante de um desafio no Arte Pará.

O que fazemos diante de tanta incongruência na Amazônia? Esse lago precisou morrer para gerar energia? Fato é que, morrendo com ele, estão-se esvaindo vidas e tudo o que foi perdido para sua formação: áreas indígenas, cidades e inúmeras espécies de animais e vegetais.

A artista nos diz: “Há 30 anos, e nada mudou. Mas temos que nos rebelar de algum jeito para provocar as discussões, nem que seja por meio de umas fotinhas.”

Naquele cair da tarde Paula nos fez sair das expectativas habituais e nos colocou em situação de vertigem, como um convite necessário para a reflexão. Quando o barco ancorou na ilha, ela já tinha libertado o “tronco amarrado às margens do lago, no cemitério das árvores”, impresso nas bandeiras. Agora, o tronco está livre naquele rio. Na arte é possível libertar os seres.

Na ilha, fomos direto para a quadra do Adrisom para ver a exposição fotográfica de Alexandre Sequeira, com a série *Meu Mundo Teu*, com a qual o artista promoveu o conhecimento de dois adolescentes por cartas e fotografias — Tayana Wanzeler, moradora do bairro do Guamá, na cidade de Belém, e Jefferson Oliveira, morador da ilha do Combu, descrevem a própria vida em detalhes, por meio da troca de cartas e imagens realizadas através da experimentação de registros fotográficos com câmeras artesanais de um e dois orifícios; além de câmeras convencionais com dupla exposição, resultando em testes fotográficos diversos, com imagens sobrepostas dos dois mundos: o do bairro do Guamá e o da ilha do Combu e da proposição de Alexandre, que coloca Tayana e Jefferson como coautores das imagens reveladas.

As imagens propostas e conduzidas por Sequeira resultam na construção de narrativas entrelaçadas dos dois jovens, por meio da interatividade e das relações afetivas que se estabelecem com seus lugares, através dos elementos simbólicos que animam esse convívio da percepção, que transmitem a dimensão do acontecido.

Quando estávamos montando a exposição na quadra, as senhoras Aldelina, Raimunda, Maria de Fátima e Patrícia acompanhavam atentamente as imagens e se reconheciam na fusão delas, desprovidas de qualquer conceito da arte.

A senhora Raimunda comentou, comovida, que reconhecia a cozinha da casa antiga, que ela havia demolido. "O professor Alexandre trouxe nossa casa de volta." Aquele momento confirmava o objetivo do trabalho de Alexandre, na sua forma final, que é a de uma história para contar convertendo-se em possibilidades poéticas.

A noite caía na ilha, e era grande o movimento dos barcos que chegavam das comunidades próximas. Era a hora do cinema, e a cineasta Jorane Castro faria o lançamento oficial do filme *Ribeirinhos do asfalto*. O curta percorreu mais de 30 festivais nacionais e internacionais. Exibir o filme para a comunidade na qual ele foi inspirado foi um momento singular.

Gravado em locais tradicionais de Belém, como Ananindeua, Marituba, ilha do Combu e o mercado Ver-o-Peso, o filme revela a presença dos personagens pela interação e familiaridade do contexto da ilha. Jorane capta essa essência na Amazônia, ao trazer para a reflexão a vida das pessoas e as relações com os outros.

O cinema na ilha, a céu aberto, criou um espaço de realização do filme, pois, é pensado como o lugar do encontro de "observadores" e "observados" que se ligam, se juntam, e a troca é estabelecida,

e sobre ela recai o foco da paisagem interna dos personagens.

Ao final da sessão de cinema, a celebração foi por conta dos *chefs* Thiago e Felipe Castanho, da cozinha paraense, que figuram nas cenas nacional e internacional, legitimando nossa gastronomia. Juntamente com as cozinheiras da ilha, criaram um cardápio com os ingredientes amazônicos.

Para Thiago a experiência na ilha confirma um retorno ao lugar de onde vem a motivação prazerosa de seu trabalho. Seus pais começaram a história com a criação do restaurante Remanso do Peixe, que guarda o maneirismo da relação intimista com a natureza vivenciada em seus lugares de origem, no interior do estado.

Thiago diz que cresceu observando essas nuances no restaurante da família, na cidade de Belém. Sua memória afetiva naturalmente constrói o conceito de seu trabalho. Com a comunidade do Combu expande a pesquisa sobre a farinha, o chocolate, e, principalmente, faz do ir e vir da cidade para a ilha inspiração para os pratos que nos tocam pelos sentidos.

Assim, artistas convidados, professores, patrocinadores do Arte Pará, moradores da ilha e arredores, equipe da Fundação Romulo Maiorana degustaram mingau de banana-da-terra

Paula Sampaio, *Fotoinstalação-árvore*, 2012, Baía de Guajará





Alexandre Sequeira, *Girau e hot dog*, 2007



Thiago Castanho, *Sabores do Combu*, 2012, Belém, PA

com leite de coco, vatapá com cuscuz de farinha d'água e, para sobremesa, bolo de macaxeira com calda de maracujá e *mousse* de chocolate do Combu. A ação na ilha do Combu provocou uma verdadeira interação de todos ali presentes.

O evento suscitou uma percepção de deslocamento, desafiou a rotina dos sentidos, nos alimentou de toda a sorte de coisas e, depois, nos libertou para exercitar a imaginação, alargando as fronteiras da criação de maneira livre e intuitiva.

A arte aconteceu entre o rio e a cidade. O curador Paulo Herkenhoff, ao dirigir essa ação, alinhou os olhares dos quatro artistas e, convictamente, nos fez sentir à vontade para contar nossa história com a mesma paixão do idealizador. Fomos felizes em nossa travessia, com o desejo comum de, por meio da arte, fazer da ilha do Combu um lugar de encanto e confronto, um lugar que nos coloca para pensar.

NOTAS

1 Projeto de arte contemporânea, o Arte Pará foi criado em 1982 pela Fundação Romulo Maiorana; acontece, portanto, há 33 anos consecutivamente.

Passou por várias modificações e adotou um sistema regido pelo curador-geral.

2 Paulo Herkenhoff é crítico e curador, cujo olhar se volta de maneira singular e cuidado especial para a Região Norte. Há quase três décadas, quando esteve à frente do Instituto Nacional de Artes Plásticas da Fundação Nacional de Arte (Funarte) suscitou um debate a partir da visualidade amazônica. De lá para cá, a arte contemporânea conquistou espaço e, por intermédio de fluxos de artistas, críticos, articuladores político-culturais e programações, passou a adquirir visibilidade e maior potência. Herkenhoff está à frente do Arte Pará há mais de uma década.

Vânia Leal Machado vive e trabalha em Belém. Mestre em comunicação, linguagem e cultura, é curadora educacional do Projeto Arte Pará e responsável pela organização do catálogo do salão e do encarte especial Arte Pará no jornal *O Liberal*. Atua na área de curadoria e pesquisa em artes, tendo participado de comissões de seleção e premiação, organizações de salões como o 9º Salão de Arte Contemporânea Sesc-Amapá. Foi curadora de mapeamento da Região Norte no Projeto Rumos Itaú Cultural de Artes Visuais, edição 2011.